

A saúde imaginada: jornalismo e imaginário do risco

Denise Cristina Ayres Gomes

Doutora; Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA, Brasil
dayres42@gmail.com

Resumo

O jornalismo facilita o acesso às informações sobre saúde e reconfigura o que é ser/sentir-se saudável na pós-modernidade. Utilizamos as noções de imaginário e tecnologias do imaginário para compreender a atuação do jornalismo como tecnologia do imaginário e a reconfiguração da saúde na pós-modernidade. Nosso *corpus* é constituído por doze matérias que abordam a noção de risco. As ocorrências foram publicadas no site da revista *Veja* entre os dias primeiro de janeiro e 15 de março de 2017, na editoria *Saúde*. Observamos que o dispositivo jornalístico evidencia prescrições e regramentos que criam ambiência e configuram a realidade como ameaça. Denominamos “saúde imaginada” à esfera que ultrapassa uma condição experienciada de disposição física e mental, transfigurando-se para a esfera simbólica. O fenômeno tende a ser apresentado como um estado ansiado, modulado pela instância científica e, sobretudo, midiática.

Palavras-chave

Jornalismo. Imaginário. Pós-modernidade. Saúde. Risco.

1 Introdução

A saúde adquire valor central na pós-modernidade, tornando-se fonte de preocupações e cuidados. O bem-estar físico e mental, consagrado como direito fundamental do cidadão, tende a transfigurar-se cada vez mais para a esfera simbólica. A ação dos meios de comunicação reconfigura o que é ser ou sentir-se saudável, criando uma ambiência que interfere no cotidiano.

A medicina preventiva visa promover a saúde e age por antecipação para evitar ou minimizar o sofrimento. A mídia divulga e amplifica informações sobre os avanços e descobertas da tecnociência que alertam para os riscos. Ter saúde deixa de ser apenas um estado de ausência de doença para constituir-se em um bem intangível, simbólico, ansiado e

associado às revelações tecnocientíficas e, sobretudo, midiáticas. As ciências se dedicam a descobrir tendências genéticas que nos predisponham a desenvolver doenças, apontam fatores de riscos para a saúde e relacionam modos de vida saudáveis. Os meios de comunicação, por sua vez, promovem o acesso facilitado e abundante às informações.

O saber biomédico midiaticizado redundando em paradoxo. Ao mesmo tempo em que podemos investir sobre nosso corpo e emoções, a fim de evitar ou retardar o sofrimento, temos a sensação de vulnerabilidade constante frente à torrente de informações. Investimos em algo sobre o qual parece que nunca estamos satisfeitos. O corpo, a mente e as emoções se tornam objetos de cuidados e regulações que se modificam a cada instante.

Experimentamos uma ambiência em que a saúde paira como ideal a ser perseguido e, ao mesmo tempo, fonte de preocupações constantes. As descobertas e pesquisas científicas nos dão algumas orientações sobre o que fazer para viver mais e melhor. A saúde, cuja expressão maior é o corpo em boa forma, depende de prescrições e regramentos de toda ordem.

Como tecnologias do imaginário (SILVA, 2012), os meios de comunicação difundem o ideal de saúde ligado à vitalidade, longevidade e beleza. Ter um corpo saudável implica a gestão das emoções e a capacidade de adiar a gratificação, submeter-se a uma dietética cada vez mais constritiva e manter-se atualizado sobre as revelações midiáticas na área da saúde. O excesso informativo, porém, nos deixa desorientados. O jornalismo nos seduz, atrai a atenção e nos oferece dicas. No entanto, não há como seguir tantas prescrições que se sucedem e, às vezes, são conflitivas, sobre como ser saudável e evitar riscos. Em meio ao turbilhão de informações e apelos, a saúde tende a ser muito mais um estado ansiado do que uma experiência vivenciada.

O artigo parte das noções de imaginário pós-moderno (MAFFESOLI, 2001a; 2014; 2016) e tecnologias do imaginário (SILVA, 2012) para compreender a reconfiguração da saúde na pós-modernidade. Nosso *corpus* é constituído por 12 matérias que abordam a noção de risco. As ocorrências foram publicadas no site da revista *Veja* entre o dia 1º de janeiro e 15 de março de 2017, na editoria *Saúde*.

2 O imaginário social e a saúde

O imaginário é ambiência, construção mental que cria vínculos entre as pessoas, espécie de aura envolvente. O imaginário precede o indivíduo, é modificado por ele, tem algo de racional e irracional e compreende as dimensões lúdica, onírica, afetiva e simbólica. Tais

esferas mobilizam os indivíduos em torno de sentimentos e valores comuns. Trata-se de “[...] uma verdadeira ‘infraestrutura espiritual’ garantindo os fundamentos e a fundação de toda a vida em sociedade [...]” (MAFFESOLI, 2016, p. 13). A partir desse espírito coletivo, “[...] pode-se considerar que a vida social repousa sobre instintos comuns, sobre as forças invisíveis da memória coletiva.” (MAFFESOLI, 2016, p. 12).

O imaginário é real, expresso em tudo o que compartilhamos; emoções, valores, crenças e sensações. Em outras palavras, é o “conjunto de todos esses elementos traduzidos em imagens]” (TACUSSEL, 2006, p.13). O imaginário produz e é produto da realidade, contém as imagens e é propulsor simbólico.

A saúde, portanto, está eivada de imaginário. Não se trata apenas de bem-estar físico e mental vivenciado individualmente. A saúde é um fenômeno social, simbólico e participa de uma atmosfera de partilha. De acordo com a perspectiva orgânica adotada por Maffesoli, a pessoa se inscreve em um corpo coletivo.

Sabemos que essa medicina considera cada corpo como um todo que é necessário tratar como tal, mas é igualmente necessário observar que essa visão global é frequentemente reduplicada pelo fato de o corpo individual total ser tributário do todo que é a comunidade [...] (MAFFESOLI, 2014, p. 60).

O imaginário se expressa na narrativa jornalística e promove interação, cria vínculos e naturaliza modos de ser que se espriam na coletividade. O discurso se abre a uma multiplicidade de sentidos que ultrapassam a esfera racional, despertam sensações e atuam no cotidiano.

A mídia modula a experiência contemporânea da saúde. Existe um hiato entre a experiência pessoal e as construções simbólicas veiculadas nos meios de comunicação. Tais dispositivos intervêm nos modos de lidar com o fenômeno, interferindo nas disposições e decisões pessoais. A mídia é o grande catalizador do imaginário contemporâneo sobre saúde, estimulando crenças, juízos de valor, pontos de vista e práticas.

3 Cotidiano e risco

O conceito de saúde, elaborado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), expressa a saturação dos valores modernos e a emergência de uma nova sensibilidade. Pela primeira vez, um consenso entre vários países buscou definir o que é ser/sentir-se saudável. Até então, as preocupações recaíam sobre as doenças, procurando a cura ou alívio do mal-estar. A carta de princípios da OMS opera uma reviravolta ao definir a saúde como “[...] um estado

de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades [...]” (OMS, 1946, doc. não paginado).

A definição recebeu críticas como sendo um estado inatingível e de difícil objetivação. O que nos interessa neste estudo, no entanto, é a noção de saúde como sintoma de uma mudança de sensibilidade que já se esboçava em meados do século XX e se acentua com o advento das novas tecnologias de comunicação e informação nos anos 1980. A essa nova forma de estar no mundo denominamos pós-modernidade.

A partir de 1950, o avanço tecnocientífico possibilitou que a medicina, além de se dedicar à cura das patologias, desenvolvesse ações para promover a saúde. O preventivismo modificou as noções de doença e saúde. O desenvolvimento da genômica e da epidemiologia possibilitou a antecipação do diagnóstico nas células. Instala-se a virtualidade como a tendência de vir a ter algum mal. “O que se descobre, então, não é a doença já constituída, mas, sim, o que indica a sua mais ou menos provável manifestação futura [...]” (VAZ, 2012, p. 48).

A noção de risco tornou o cotidiano uma ameaça constante. Os perigos que abreviam a existência e causam sofrimento tendem a se disseminar por toda parte. As práticas habituais se revelam viciosas e nocivas à saúde humana. Se a condição física predispor a algum mal, resta a tentativa de reparar as consequências.

Baseados em estudos experimentais, a pesquisa sobre os fatores de risco procura controlar todas as variáveis e estabelecer uma relação de causa e efeito. A complexidade dos fenômenos é reduzida, atribuindo-se uma média abstrata que deverá ser relativizada quando aplicada. “Esses ‘apagamentos’ não são neutros, as opções metodológicas são condicionadas por concepções de mundo, valores, necessidades. Os instrumentos e as técnicas de pesquisa produzem uma forma própria de compreender a realidade [...]” (CZERESNIA; MACIEL; MALAGÓN OVIEDO, 2016, p. 78).

Nos anos 1970, fatores como a biologia humana, meio ambiente e estilos de vida passaram a ser considerados elementos que interferem nas condições de saúde e determinam os fatores de risco. No entanto, tal abordagem possui limitações.

Segundo essa lógica, comportamentos (leia-se estilos de vida) são fenômenos individuais, adotados independentemente do contexto ambiental. Além disso, emoções, desejos, sensações – elementos fundamentais no processo de adoção de comportamentos – não são adequadamente apreendidos quando decodificados para as categorias de análise de modelos comportamentais. (CASTIEL; GUILAM; FERREIRA, 2015, p. 41).

A pós-modernidade se caracteriza pela emergência do risco. A distinção entre normal/anormal, típica do capitalismo industrial, cedeu espaço para a análise do risco. A saúde, portanto, deixa de ser a ausência de patologias para constituir-se na baixa predisposição para desenvolver alguma doença. Não basta a intervenção médica, mas os cálculos analisam as probabilidades de o indivíduo ser saudável. A ciência utiliza testes genéticos, determina grupos de risco a fim de planejar ações e promover estilos de vida saudáveis que incitam os sujeitos ao controle permanente de suas ações.

O código genético passa a ter papel importante para a definição do indivíduo, permitindo descobrir doenças em potencial. A investigação do DNA torna possível evitar o mal e reprogramar os hábitos: “[...] acreditamos que toda a verdade está inscrita no interior das células e pode ser decifrada recorrendo-se à parafernália informática que digitaliza a sua composição.” (SIBILIA, 2015, p. 209).

A mudança de estatuto na saúde nos convoca a estarmos vigilantes, atentos a hábitos, pensamentos e emoções. A responsabilidade pela saúde recai sobre os indivíduos, que devem gerir o comportamento para evitar os males. Os meios de comunicação funcionam como instância moralizante, apontando os hábitos e fatores de risco.

A mídia recorre ao discurso tecnocientífico a fim de explicar a realidade. Por outro lado, tantos cuidados, coações e descobertas produzem a sensação de insuficiência e perigo constantes. O cotidiano parece ameaçador; hábitos alimentares, intimidades sexuais, modos de vestir, práticas de exercícios e constituição física devem despertar atenção. O risco mobiliza dispositivos tecnológicos, científicos e midiáticos que prescrevem uma dietética a fim de evitar o dano. As tendências nem sempre se confirmam, mas produzem ambiência.

A cientificação do cotidiano por meio da divulgação midiática dos riscos é um dos modos de se promover o ajuste entre os vetores tecnológico e econômico. O corpo, virtualizado na forma de pesquisas sobre riscos associados a predisposições genéticas e hábitos de vida, é um bem a ser administrado [...]. (VAZ, 2006, p. 55).

Compreendemos a “saúde imaginada” como atmosfera. Trata-se de uma ambiência que ultrapassa a condição experienciada de disposição física e mental atribuída ao indivíduo. O fenômeno paira como estado ansiado e modulado pela instância científica e, sobretudo, midiática. A virtualidade se traduz em crenças, aspirações, estados de ânimo e conformação dos hábitos.

O imaginário da pós-modernidade nos remete à valorização da forma corporal. A morte inevitável nos impele a viver intensamente e sem adiamentos. Ser saudável implica

consumir informações para alcançar a boa forma, gerir as emoções, descobrir os possíveis perigos à saúde e regravar os hábitos cotidianos.

4 O jornalismo como propulsor simbólico

O jornalismo integra uma forma de conceber o mundo. A atividade é tributária do Iluminismo, que valorizava a razão, a verdade, a crença no progresso e concebia o mundo como máquina. O jornalismo se funda em uma relação objetiva entre o discurso e o material fático a fim de obter credibilidade.

O dispositivo jornalístico age estrategicamente para tornar credível o que está sendo dito. Como instrumento de objetivação da realidade, a atividade utiliza técnicas que apagam as marcas de sua constituição como narrativa, impondo-se como mero reproduzidor da realidade. O princípio de transparência confere credibilidade ao relato, trata-se do fazer crer que dá sentido ao mundo e o legitima. “O jornalismo se atribui a tarefa de saber o que dizer ao mundo, tarefa cumprida através de métodos, técnicas que visam a uniformizar as práticas da profissão, permitindo que o jornalista, se desejar, tenha apenas de preencher lacunas [...]” (BARROS, 2007, p. 113).

A notícia nos dá a sensação de “fio da meada”, recolhe, conecta e divulga as informações de modo a fazer sentido em nosso cotidiano. Diante de nossa incapacidade de onisciência, os produtos jornalísticos nos apresentam, de forma organizada, tudo o que pretensamente deveríamos saber. As notícias nos fornecem senso de orientação para nos movermos no mundo. Podemos dizer que o jornalismo, ao deter-se no fato e em suas causas e consequências imediatas, recorta, simplifica e ordena a realidade complexa dos fenômenos. Em outros termos, a atividade jornalística nos oferece um produto para consumo imediato que promove a sensação de organizar nossa vida.

Diante da realidade fragmentada e diversa da experiência, o jornalismo tem a pretensão de ordenar as concepções dos sujeitos acerca do mundo. “Por meio dele [o noticiário], também esperamos ter revelações, aprender o que é certo e errado, conferir sentido ao sofrimento e entender como funciona a lógica da vida [...]” (BOTTON, 2015, p. 11).

O jornalismo é um modo de conhecer e intervir sobre o mundo, promovendo uma atmosfera capaz de modular sensações, crenças e práticas sociais. A saúde imaginada, portanto, ultrapassa a experiência individual e constitui uma ambiência produzida, sobretudo, pela mídia, e capaz de interferir no cotidiano. O fenômeno precisa ser expresso e

ritualizado para figurar como notícia. As formas corporais têm proeminência e revelam o cuidado do indivíduo consigo mesmo. Se a vida é paradoxal e misteriosa, o discurso jornalístico dá coerência aos fenômenos complexos.

A mídia estabelece relações de causa e efeito, produz um relato simplificado sobre o cotidiano a fim de dinamizar a comunicação.

Podemos dizer que o jogo e a teatralidade são certamente as vias mais eficazes para atingir a mais autêntica 'ordem do mundo'. Evidente, essa sensibilidade ontológica é progressivamente ocultada com o desenvolvimento de uma civilização tecnocientífica. (MAFFESOLI, 2001a, p. 182).

O imaginário é uma aura que permeia a sociedade, constituindo suas esferas mais racionais. Em uma sociedade marcada pelo paradoxo e o conflito, o imaginário permite a convivência dos inconciliáveis. Enquanto a abstração racional requer a univocidade, a coerência, a explicação de tudo, o imaginário está na esfera da compreensão, comporta a ambivalência, a contradição e a incerteza. (SILVA, 2012).

Acrescentamos a esses campos o domínio do jornalismo como processo de apreensão da realidade que ultrapassa o racional, o controle e a realidade objetiva. Ainda que fundado no racional, o dispositivo remete à sensação, evoca experiências e lembranças que impulsionam as práticas sociais. O ato comunicacional, portanto, relaciona-se a uma anterioridade que permite a partilha de sentidos. "O fato jornalístico não é algo que se estude somente a partir deste ou daquele dado histórico e desta ou daquela conjunção econômica, mas levando-se em conta um imaginário específico que *permitiu* sua ocorrência." (BARROS, 2010, p. 130, grifo do autor).

Compreendemos o jornalismo como tecnologia do imaginário (SILVA, 2012). Trata-se de um dispositivo que, calcado nos fatos, emprega a técnica própria da profissão para modificar, desvelar e atribuir sentido ao mundo. O jornalismo opera também por meio da sedução, agrega pessoas em torno de sentidos comuns e produz o imaginário que tende a se consolidar na sociedade. "[...] as tecnologias do imaginário buscam mais do que a informação (mitologia do jornalismo): trabalham pela povoação do universo mental como sendo um território de sensações fundamentais [...]" (SILVA, 2012, p. 22).

5 A saúde imaginada: jornalismo e imaginário do risco

A tecnociência aponta os fatores de risco para a saúde, enquanto a mídia promove o acesso facilitado e abundante às informações. O dispositivo jornalístico dá forma à

virtualidade do perigo em notícias que atraíam a atenção porque parecem operar uma reviravolta no cotidiano. Hábitos comuns passam a representar ameaças aos indivíduos.

O objetivo de nosso estudo é compreender a atuação do jornalismo como tecnologia do imaginário, reconfigurando a saúde na pós-modernidade. Abordamos as noções de imaginário pós-moderno (MAFFESOLI, 2001a; 2014; 2016) e tecnologias do imaginário (SILVA, 2012). Observamos as 257 matérias publicadas no site da revista *Veja* entre o dia 1º de janeiro e 15 de março de 2017, na editoria *Saúde*. Selecionamos as ocorrências que fizessem menção a riscos na saúde e obtivemos 12 textos.

Entre as 12 matérias selecionadas, seis delas se relacionam à alimentação. A revista alerta para o perigo de risco de morte ao se comer a fruta lichia em grandes quantidades; o risco de câncer que as pessoas correm ao cozinhar arroz; o risco de engordar ao se comer em restaurantes, e o perigo das dietas. A revista alerta ainda para os riscos das embalagens de *fast food* e destaca que o iogurte pode ser um aliado no combate à depressão.

Os títulos promovem o efeito de generalização. Situações pontuais se estendem para a população em geral a fim de atrair a atenção do internauta. A matéria intitulada *Lichia pode matar, afinal? Entenda a polêmica* (VIDALE, 2017c) enfoca a situação paroxística da morte de crianças na Índia e discute um estudo científico publicado sobre a ingestão da fruta.

Mesmo tratando de um país distante, com costumes específicos e uma população infantil pobre e desnutrida, a revista brasileira resolveu tratar do assunto. O texto esclarece que não há motivos para preocupações, em outras palavras, não há risco para a saúde se consumida a fruta de modo equilibrado. “Mas, a lichia seria capaz de fazer mal? De acordo com a nutricionista Gisele Paiva, sim. Mas em condições extremas [...]” (VIDALE, 2017c, doc. não paginado). A matéria produz alarme sobre algo muito específico e fora dos padrões de consumo habituais e por uma população restrita.

A matéria intitulada *O modo como você faz arroz pode prejudicar sua saúde* nos alerta para o perigo do arsênico contido no cereal, que é liberado na água durante o cozimento. O texto interpela o internauta sobre o modo de preparo do alimento.

Como você costuma cozinhar o arroz? Se você utiliza o dobro de água para a quantidade de arroz, você pode estar colocando sua vida em risco. Segundo especialistas, o arroz pode conter vestígios de arsênico, uma substância altamente tóxica que pode trazer diversos riscos para a saúde [...] (O MODO..., 2017, doc. não paginado).

Apesar do tom alarmista, já que o texto se refere ao modo mais comum de se cozinhar arroz, a matéria alude à possibilidade de o alimento conter a substância tóxica e, a exemplo da matéria anterior, o risco ocorre devido ao consumo do produto em grandes quantidades.

A exposição crônica ao arsênico foi associada a uma série de risco à saúde, incluindo problemas de desenvolvimento, doenças cardíacas, diabetes, danos ao sistema nervoso e até mesmo aos cânceres de pulmão e bexiga [...] (O MODO..., 2017, doc. não paginado).

As doenças graves enumeradas mobilizam o internauta, embora não haja especialistas explicando o assunto. A matéria se baseia apenas na publicação de um jornal britânico e reforça a autorreferencialidade midiática.

Outra matéria alerta para o risco de sair da dieta. Em uma sociedade obcecada pelo culto ao corpo, engordar é sinônimo da má gestão dos hábitos. Cabe ao indivíduo regrar-se e manter-se firme em seus propósitos. O subtítulo da matéria alerta: *Um estudo americano mostrou que comer fora aumenta o risco de uma pessoa sabotar a dieta*. O lide é imperativo ao interpelar o leitor: “Quer perder peso e não consegue? Pare de comer fora”. O texto ainda ressalta que “[...] as pessoas têm 60% de chance de sair da dieta quando estão em restaurantes ou na presença de várias pessoas” (QUER..., 2017, doc. não paginado). Embora seja uma possibilidade, o jornalismo alerta para a quebra da dieta como um risco.

A forma corporal é abordada na matéria intitulada *Gengibre? Goji Berry? Os mitos das dietas de emagrecimento* (GENGIBRE..., 2017). O texto procura esclarecer, em tom pedagógico, seis produtos utilizados na dieta, revelando a “verdadeira” eficácia no auxílio ao emagrecimento. A matéria situa o internauta como um consumidor de novidades em dietas. Trata-se da única matéria que parece ter sido iniciativa do site da *Veja*, já que as demais sempre têm gancho em estudos estrangeiros ou resultam de repercussões de matérias e entrevistas também estrangeiras.

Que atire a primeira pedra quem nunca foi em busca de “novidades” para perder peso. Tão tentadoras quanto perigosas, dietas e suas variáveis parecem surgir a cada instante, assim como alimentos tachados de ‘milagrosos’ no auxílio da luta contra a balança (GENGIBRE..., 2017, doc. não paginado).

A extrema valorização das formas corporais na pós-modernidade integra o imaginário do corpo ideal, livre das imperfeições, vigoroso, magro, jovem e desejável, atrelado à felicidade e ao sucesso. Birman (2010) define a magreza como o código de beleza

em nossa sociedade, que acabou transformando o gordo em doente e monstro, deformado, feio e antierótico.

A matéria intitulada *Embalagens de fast-food prejudicam a saúde, diz estudo* (EMBALAGENS..., 2017) chama a atenção pelo alarmismo ao revelar que as embalagens desses alimentos podem causar câncer e diabetes. “Ainda de acordo com os autores, as crianças são as que correm mais risco pela ingestão destas substâncias, pois seus corpos ainda em desenvolvimento estão mais vulneráveis a químicos tóxicos [...]” (EMBALAGENS..., 2017, doc. não paginado).

O imaginário pós-moderno revela a premência da forma corporal, relacionando-a a valores como felicidade e autoestima. Frente à responsabilização, o indivíduo consome notícias para se manter informado sobre as descobertas e novidades que anunciam riscos à saúde. As notícias revelam as ameaças entranhadas em nosso cotidiano e a necessidade crescente de se manter alerta e mudar os hábitos.

Como afirma Michel Serres (2012), vivemos a felicidade do corpo que se liberta do tormento físico do sofrimento e da morte precoce. Entretanto, podemos afirmar que a profusão de matérias alertando para os riscos à saúde produz uma ambiência que incita sensações como desorientação, ansiedade, medo do futuro, insegurança, entre outras.

A abundância de informações e regramentos deixa o indivíduo desorientado. A saúde tende a ser muito mais um estado ansiado, virtualmente programável do que experienciado. A saúde imaginada concerne aos desejos, crenças, expectativas, valores e práticas que visam instituir um estado equilibrado de bem-estar físico e mental. No entanto, em meio a tantas prescrições, demandas e ameaças, a saúde paira como atmosfera que nos impele a consumir notícias e nos regerar continuamente.

A saúde imaginada mobiliza ações e repercute nas banalidades cotidianas. A busca pela saúde se torna quase um dever moral, resultado da gestão eficaz do corpo. Como tecnologia do imaginário, o jornalismo amplifica o interesse, a curiosidade, a expectativa e o medo em torno das ameaças potenciais. “Este mal-estar da civilização que compreende as ameaças, os medos e os riscos, se apresenta em diferentes temas como a crise e o fim [...]” (MARTINS, 2011, p. 19).

A matéria sobre iogurte revela que o produto pode ser um aliado no combate à depressão. O estresse é um fator de risco para o desenvolvimento do transtorno. Embora a pesquisa tenha sido realizada apenas em ratos, o texto realça os aspectos do comportamento dos camundongos como extensivos aos humanos. A matéria finaliza

advertindo os leitores: “Embora não haja mal em pessoas com depressão comerem iogurte, em hipótese alguma elas devem parar o tratamento sem consultar seus médicos.” (IOGURTE..., 2017, doc. não paginado).

A matéria apresenta a esperança de a pesquisa descobrir o controle da depressão sem o uso de psicotrópicos e apenas através da mudança do bioma. A solução parece ultrapassar o domínio das ciências: “Seria mágico apenas mudar sua dieta, mudar as bactérias que você ingere, e consertar sua saúde – e seu humor, disse Alban Gaultier, coordenador do estudo.” (IOGURTE..., 2017, doc. não paginado). Apesar dos esforços da tecnociência, a doença mental permanece incógnita, um fenômeno nebuloso.

Duas matérias se referem ao risco relacionado à natureza biológica masculina: a possibilidade de ter filhos com doenças mentais devido à idade avançada, e o risco de ficar calvo em virtude da baixa estatura e descendência. O texto intitulado *A idade do pai tem impacto na saúde do bebê, afinal?* pretende esclarecer a dúvida.

Embora seja biologicamente possível um homem ter filho na terceira idade sem maiores problemas, alguns estudos já apontaram para riscos associados a esse fato. Uma pesquisa sueca de 2014, por exemplo, mostrou que homens que se tornam pais com mais de 45 anos correm mais risco de ter uma criança com esquizofrenia, autismo e outros problemas psiquiátricos [...] (A IDADE..., 2017, doc. não paginado).

A matéria parte do caso do ator George Clooney, de 55 anos, para atrair a atenção. No entanto, o final do texto aponta que nem sempre os problemas genéticos são a única fonte de preocupações. As pessoas dão importância às piadas decorrentes da paternidade em idade avançada. O subtítulo *Pai ou avô?* alude às brincadeiras cotidianas e desvirtua o foco da matéria. A banalidade, entretanto, desperta sensações e faz repensar sobre as práticas e a condição biológica.

A ocorrência intitulada *Saiba por que homens baixos correm mais risco de serem calvos* se propõe a esclarecer o assunto de maneira didática. O texto interpela o internauta em tom conversacional, atraindo a atenção.

Você é homem, baixo e tem ascendência europeia? Infelizmente, você tem maior probabilidade de ficar calvo. De acordo com estudo publicado na quarta-feira, na revista científica *Nature Communications*, um maior risco de calvície prematura foi adicionado à lista de doenças e condições enfrentadas por homens de ascendência europeia. Além da baixa estatura, a puberdade precoce também pode estar associada à perda de cabelo masculina [...] (SAIBA..., 2017, doc. não paginado).

Compreendemos que o dispositivo jornalístico promove o imaginário da saúde, referindo-se a um futuro projetado por meio de cálculos, probabilidades e pesquisas. Os

componentes genéticos ligados às doenças, os fatores ambientais que podem desencadear patologias e os grupos de risco devem despertar a atenção e o cuidado constantes dos indivíduos. Cria-se a sensação de que, ao manter-se informado sobre as ameaças, é possível ter saúde. Os indivíduos são conclamados a consumir informação, regravar os hábitos e agir sobre algo que existe apenas na esfera do possível, mas é capaz de desencadear sensações e práticas. As matérias utilizam estatísticas e a genômica para dar credibilidade às afirmações e tangibilizar a ameaça em grupos de risco.

Como tecnologia do imaginário, o jornalismo promove o efeito de generalização. Os riscos alardeados nos títulos tendem a ser percebidos como extensivos a todas as pessoas com as características ou práticas descritas. Os casos específicos parecem abarcar grande número de pessoas. *Saiba por que homens baixos correm mais risco de serem calvos* (SAIBA..., 2017); *O modo como você faz arroz pode prejudicar sua saúde* (O MODO..., 2017); *Embalagens de fast-food prejudicam a saúde, diz estudo* (EMBALAGENS..., 2017); *Chuva dourada: fetiche de urinar no parceiro traz risco à saúde; Exercício intenso pode afetar a libido do homem* (VIDALE, 2017b).

As afirmações nos dão a impressão de que é maior a abrangência dos riscos, embora os estudos sejam pontuais. Os dados são fragmentos do real estendidos a outros grupos e não contemplam a diversidade social. A partir de alguns estudos, a ciência tende a generalizar os resultados. O dispositivo jornalístico amplifica ainda mais as pesquisas, utilizando técnicas capazes de criar o efeito de generalização com a finalidade de aumentar o público interessado em consumir a notícia.

As regras e técnicas do campo científico, cada vez mais definidas por uma necessidade de produção (tantos artigos por ano), assim como as regras do campo jornalístico, marcadas pela necessidade do “furo”, da sensação e do “extraordinário”, estão formatando o conhecimento (SILVA, 2009, p. 14).

O jornalismo utiliza argumentos científicos para convencer o internauta. A recorrência a especialistas e revistas renomadas tende a conferir ao relato uma aura de verdade. Afastando-se aparentemente do ilógico e irracional, a técnica jornalística empregada no *corpus* analisado por este estudo traduz o mundo, calcando-se em dados e argumentos de especialistas que tendem a ser tomados como verdade.

A credibilidade do jornalismo está fundada na transparência da função representativa do discurso. A técnica jornalística parece reproduzir o mundo de forma mecânica e transparente, colocando à tona os fatos como eles são. Neste hiato epistemológico entre a realidade e o simbólico, o jornalismo mobiliza esferas que

ultrapassam a dimensão racional. A técnica é uma forma de interpelar e transformar a realidade.

As outras quatro matérias se relacionam a hábitos ou práticas diversas que podem ocasionar riscos à saúde. Os títulos são: *Por que o jeans skinny skinny pode ser a causa de sua dor nas costas* (POR QUE..., 2017); *Chuva dourada: fetiche de urinar no parceiro traz risco à saúde* (VIDALE, 2017a); *Exercício intenso pode afetar a libido do homem* (VIDALE, 2017b); e *Mais de 2 horas diárias de rede social faz mal à saúde* (MAIS..., 2017).

Identificamos a tendência à medicalização da sociedade operada pelo jornalismo. A ação da medicina se espalha no corpo social, definindo condutas e conformando nossos hábitos. O dispositivo jornalístico promove o acesso facilitado e abundante às informações de modo a seduzir o internauta a consumir notícias sobre novidades e descobertas científicas.

A matéria sobre os riscos da calça *skinny* alerta para os perigos da peça em relação à coluna. A moda causa surpresa quanto aos danos, mas muitas mulheres optam por continuar vestindo. O texto dá a dica para diminuir o uso e, assim, como a pesquisa científica, busca chamar a atenção para o problema. “No entanto, a pesquisa não visa servir como uma proibição, mas como um alerta [...]” (POR QUE..., 2017, doc. não paginado).

O texto intitulado *Chuva dourada: fetiche de urinar no parceiro traz risco à saúde* (VIDALE, 2017a) incide sobre os hábitos sexuais que podem ser nocivos à saúde. O subtítulo e o lide são sugestivos: abordam um assunto sem comprovação, mas atraem a atenção do internauta. “Dossiê não comprovado sugere que Donald Trump seria adepto da prática. Mesmo sem a confirmação, o assunto deu o que falar.” (VIDALE, 2017b, doc. não paginado). O lide pega o gancho do presidente americano recém-empossado para dar visibilidade ao tema.

Um dossiê, cuja veracidade não foi confirmada, afirmou, entre outras coisas, que ele seria adepto da “chuva dourada”, termo popular para o fetiche de urinar no parceiro – a urofilia. Trump negou o conteúdo do documento. Mesmo assim, a notícia, digamos, curiosa, deu o que falar. (VIDALE, 2017a, doc. não paginado).

A revista repercute uma informação não confirmada, realçando o lado curioso do assunto. A apuração jornalística dá margem à simples especulação para despertar emoção. “O jornalismo deve produzir sensações, furos, novidades efêmeras e informações passageiras [...]” (SILVA, 2009, p. 15).

A matéria afirma que a prática já foi considerada distúrbio psiquiátrico, mas hoje é apenas fetiche. Apesar do alerta, ao ler o texto, observa-se que os riscos estão associados a outros fatores e não à urina em si.

De acordo com o infectologista Artur Timerman, a urina é primordialmente uma substância estéril, ou seja, livre de germes. No entanto, bactérias e vírus podem eventualmente aparecer na urina e, dessa forma, serem transmitidos, em especial se entrarem em contato com algum machucado do parceiro ou se a urina for engolida. (VIDALE, 2017a, doc. não paginado).

A atividade jornalística aqui analisada nos oferece um produto para consumo imediato, mas que não possui grande relevância social. Além de a prática estar circunscrita à intimidade, não parece produzir tantos riscos quanto se alardeou. Como tecnologia do imaginário, o jornalismo opera por sedução, impacto, excedendo a função pragmática de informar.

O mundo pós-moderno forja tecnologias do afeto e domina os sujeitos pela adesão, pelo consentimento, numa espécie de contrato, revogável a qualquer momento, de assimilação consentida de valores e de práticas sociais efêmeras. O preço da adesão é o prazer imediato. (SILVA, 2012, p. 25).

A matéria intitulada *Exercício intenso pode afetar a libido do homem* chama a atenção para o problema que afeta os homens em casos extremos de atividade física. A novidade, revelada em uma pesquisa, mostra que a libido acaba sendo direcionada ao exercício. “No entanto, um novo estudo acaba de alertar para o risco associado ao excesso de atividade física [...]” (VIDALE, 2017b, doc. não paginado).

O texto leva assinatura da jornalista que também é responsável por outra matéria. A notícia pega o gancho no estudo norte-americano, mas procura uma fonte brasileira para explicar a pesquisa. Interessante observar que o especialista consultado é ginecologista de uma clínica particular de reprodução assistida, cujo nome é citado na matéria.

O sexo é um tema relevante em nossa sociedade, em que o registro corporal tem proeminência. O exercício, que garante a boa forma, pode provocar danos à saúde. A intensidade é uma característica de nossos tempos, em que a ação é reificada. O corpo e tudo o que se refere a ele como dietética, estética, cosmética, sexo, adereços, moda e farmacologia está inscrito na ordem do consumo. A forma corporal se relaciona à qualidade da gestão dos hábitos do indivíduo, o domínio sobre si, evitando práticas que possam expor a riscos.

Por fim, a matéria intitulada *Mais de 2 horas diárias de rede social faz mal à saúde* (MAIS..., 2017) esclarece sobre os riscos de outro hábito comum: a exposição demasiada à internet. O texto interpela o internauta e aconselha a diminuir o tempo nas redes sociais.

Você passa o dia todo navegando nas redes sociais? Talvez seja hora de parar ou, pelo menos, diminuir. De acordo com um estudo publicado nesta segunda-feira no periódico científico *American Journal of Preventive Medicine*, acessar redes sociais como Facebook, Twitter, Snapchat e Instagram por mais de duas horas por dia dobra a probabilidade de alguém se sentir isolado. (MAIS..., 2017, doc. não paginado).

O texto revela o paradoxo do cotidiano pós-moderno. A intensa conexão está produzindo o sentido inverso: isolamento. “Somos criaturas sociais, mas a vida moderna tende a nos isolar em vez de nos aproximar [...]” (MAIS..., 2017, doc. não paginado). A matéria revela a dicotomia entre o real e o virtual, já que pessoas que se dedicam demais às redes sociais acabariam interagindo menos no ‘mundo real’. Compreendemos que não há como fazer tal distinção, uma vez que a tecnologia se expandiu para todos os domínios da vida e interfere em nossas visões de mundo e práticas. Afinal, “o real é acionado pela eficácia do imaginário, das construções do espírito”. (MAFFESOLI, 2001b, p. 2).

A matéria se baseia em um estudo americano e trata o assunto de modo pontual. O texto não se refere, por exemplo, à predisposição das pessoas ao isolamento, mas foca no uso das redes sociais. A realidade complexa é vista de modo linear. O texto ilustra o resquício da modernidade, que busca traduzir a natureza segundo modelos científicos mecanicistas, lógicos e claros. O jornalismo se detém ao fenômeno, causas e consequências, procurando um relato simplificado da realidade complexa.

6 Considerações finais

A pós-modernidade é marcada pela emergência do risco. As preocupações se voltam para a promoção da saúde e a intervenção preventiva, que consideram a análise do risco de desenvolver determinada doença. As orientações dadas pela revista procuram retardar ou evitar um mal ainda não instalado, mas que paira como ameaça potencial. A “saúde imaginada” se abre a uma multiplicidade de sentidos, inscrevendo-se na esfera simbólica e capaz de produzir crenças, sensações e práticas.

O jornalismo procura tangibilizar o fenômeno através de dados, estatísticas, grupos de risco e estilos de vida que podem apresentar ameaças à saúde. Como tecnologia do imaginário, o dispositivo jornalístico ritualiza o fato, transformando-o em notícia. A

narrativa adquire a aura de verdade, ainda que a informação anterior ou ulterior a reitere, complemento ou lhe seja diversa. O relato tende a ser considerado verdade circunstancial, tornando-se um produto consumível e efêmero.

Em meio ao fluxo acelerado de informações, o site da revista *Veja* produz atualidades para o consumo imediato. As matérias sintetizam estudos científicos publicados e algumas reproduzem textos jornalísticos da revista *Time*, jornal *The Telegraph* e até entrevista da rede *CNN*, evocando a autorreferencialidade midiática. Em meio a tantas informações, temos a sensação de perigo constante e insuficiência frente às demandas. O tom coloquial, de conversa com o internauta, pretende ser pedagógico e utilitário. As matérias convocam o leitor a estar vigilante e conformar os hábitos para evitar riscos à saúde.

A “saúde imaginada” é o estado permanentemente ansiado de bem-estar físico e mental, que tende a ser mais simbólico do que experienciado. Espécie de aura envolvente resultante da divulgação incessante de informações pelos meios de comunicação. O consumo de notícias, paradoxalmente, não basta. O alerta sobre os riscos exige o consumo de notícias, visto que a responsabilização pela saúde recai sobre o indivíduo.

A dietética pós-moderna veiculada na mídia possui grande apelo emocional, prometendo uma vida mais saudável e prolongada. As notícias do site da *Veja* são características deste ambiente em que as verdades são relativizadas e circunstanciais. O jornalismo se torna dispositivo de sedução por excelência e tende a assumir o papel antes restrito à medicina. As atualidades inscrevem a saúde na ordem do consumo. Ainda que utilize argumentos científicos, a técnica jornalística opera na esfera do desejo e do irracional, produzindo ambiência.

Referências

A IDADE do pai tem impacto na saúde do bebê, afinal? **Veja**, São Paulo, 14 fev. 2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/saude/a-idade-do-pai-tem-impacto-na-saude-do-bebe-afinal/>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **Sob o nome de real**: imaginário no jornalismo e no cotidiano. Porto Alegre: Armazém Digital, 2007.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Comunicação e imaginário: uma proposta metodológica. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 33, n. 2, p. 125-143, jul./dez. 2010.

BIRMAN, Joel. Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: FREIRE, João Freire (Org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 27-47.

BOTTON, Alain. **Notícias**: manual do usuário. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

CASTIEL, Luis David; GUILAM, Maria Cristina Rodrigues; FERREIRA, Marcos Santos. **Correndo o risco**: uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015.

CZERESNIA, Dina; MACIEL, Elvira Maria Godinho de Seixas; MALAGÓN OVIEDO, Rafael Antonio. **Os sentidos da saúde e da doença**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2016.

EMBALAGENS de fast-food prejudicam a saúde, diz estudo. **Veja**, São Paulo, 2 fev. 2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/saude/embalagens-de-fast-food-prejudicam-a-saude-diz-estudo/>>. Acesso em: 5 fev 2017.

GENGIBRE? Goji Berry? Os mitos das dietas de emagrecimento. **Veja** São Paulo, 9 jan. 2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/saude/gengibre-goji-berry-os-mitos-das-dietas-de-emagrecimento/>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

IOGURTE pode ter efeito no tratamento da depressão, diz estudo. **Veja**, São Paulo, 10 mar. 2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/saude/iogurte-pode-ter-efeito-no-tratamento-da-depressao-diz-estudo/>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Natal: Argos, 2001a.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 8. n. 15, p.74-82, 2001b.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 5. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2014.

MAFFESOLI, Michel. L'imaginaire comme force invisible. **Imago**, [S.l.], v. 5, n. 8, p. 6-14, dez. 2016.

MAIS de 2 horas diárias de rede social faz mal à saúde. **Veja**, São Paulo, 6 mar. 2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/saude/mas-de-2-horas-diarias-de-rede-social-faz-mal-a-saude/>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

MARTINS, Moisés de Lemos. Médias et mélancolie: le tragique, le baroque et le grotesque. **Sociétés**: Revue des sciences humaines et sociales, Bruxelas, n. 111, v. 1, p. 17-25, 2011.

O MODO como você faz arroz pode prejudicar sua saúde. **Veja**, São Paulo, 8 fev. 2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/saude/o-modo-como-voce-faz-arroz-pode-prejudicar-sua-saude/>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Constituição da Organização Mundial da Saúde**. Nova Iorque: OMS, 1946. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/>>

OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso em: 01 jun. 2017.

POR QUE o jeans 'skinny' pode ser a causa de sua dor nas costas. **Veja**, São Paulo, 14 mar. 2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/saude/por-que-o-jeans-skinny-pode-ser-a-causa-de-sua-dor-nas-costas/>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

QUER perder peso? Evite comer em restaurantes, diz estudo. **Veja**, São Paulo, 12 mar. 2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/saude/quer-perder-peso-evite-comer-em-restaurantes-diz-estudo/>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

SAIBA por que homens baixos correm mais risco de serem calvos. **Veja**, São Paulo, 10 mar. 2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/saude/saiba-quem-corre-maior-risco-de-calvicie/>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

SERRES, Michel. **Hominescências**: o começo de uma outra humanidade. Lisboa: Instituto Piaget, 2012.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SILVA, Juremir Machado da. A questão da técnica jornalística: cultura e imaginário. **Famecos**, Porto Alegre, n. 39, p. 13-18, ago. 2009.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

TACUSSEL, Patrick. O imaginário social, valores e representações coletivas na civilização pós-industrial. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Comunicação, cultura e mediações tecnológicas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2006. p. 13-18.

VAZ, Paulo. Consumo e risco: mídia e experiência do corpo na atualidade. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 37-61, mar. 2006.

VAZ, Paulo; PORTUGAL, Daniel B. A nova "boa-nova": marketing de medicamentos e jornalismo científico nas páginas da revista brasileira *Veja*. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 9, n. 26, p. 37-60, nov. 2012.

VIDALE, Giulia. 'Chuva dourada': fetiche de urinar no parceiro traz risco à saúde. **Veja**, São Paulo, 17 jan. 2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/saude/chuva-dourada-fetiche-de-urinar-no-parceiro-traz-risco-a-saude/>>. Acesso em: 27 jan. 2017a.

VIDALE, Giulia. Exercício intenso pode afetar a libido do homem. **Veja**, São Paulo], 10 mar. 2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/saude/exercicio-intenso-diminui-a-libido-no-homem/>>. Acesso em: 17 mar. 2017b.

VIDALE, Giulia. Lichia pode matar, afinal? Entenda a polêmica. **Veja**, São Paulo, 3 fev. 2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/saude/lichia-pode-matar-afinal-entenda-a-polemica/>>. Acesso em: 6 fev. 2017c.

Imagined health: journalism and imaginary of risk

Abstract

Journalism facilitates access to health information and reconfigures what it is to be / feel healthy in postmodernity. We use the notions of imaginary and imaginary technologies to understand the role of journalism as imaginary technology and the reconfiguration of health in postmodernity. Our *corpus* consists of 12 stories that address the notion of risk. The occurrences were published on *Veja's* website between January 1 and March 15, 2017, in the health magazine. We observed that the journalistic device evidence prescriptions and regulations that create ambience and configure reality as a threat. We call "imagined health" to the sphere that surpasses an experienced condition of physical and mental disposition, transfiguring itself to the symbolic sphere. The phenomenon tends to be presented as a desired state, modulated by the scientific and, above all, mediatic instance.

Keywords

Journalism. Imaginary. Postmodernity. Health. Risk.

Recebido em 30/03/2017

Aceito em 05/06/2017